



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

O JOGO RITUAL NA SALA DE AULA: TRILHANDO CAMINHOS

Autora: Mariclécia Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Clerisrn1@hotmail.com

Introdução

Este trabalho relata uma experiência vivenciada durante o Curso de Licenciatura em Teatro da UFRN e diz respeito à aplicação do Jogo Ritual em uma Escola Municipal da rede Pública de Ensino, Prefeito Mário Eugênio Lira, em Natal/RN. Privilegiamos precisamente, o segundo ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde trabalhamos a vertente do Jogo Ritual em sala de aula, desenvolvendo uma metodologia voltada para a poética dos elementos da natureza (terra, fogo, água e ar).

Neste trabalho percorri um caminho que me levou a considerar essencial a utilização do *jogo ritual* na escola como ferramenta pedagógica de ensino. As considerações de Huizinga (2012) sobre o jogo, assim como, Ryngaert (1981), Spolin (2010), entre outros, que consideram o jogo critério essencial de trabalho com o teatro na escola, foram importantes para pensar nas possibilidades de abordagem, em como os sujeitos conseguem participar como agentes do conhecimento durante o jogo.

Nesta concepção, as crianças vivenciaram com a água, a terra, o ar e o fogo, inúmeras histórias, partilhando através dos encontros a magia da atuação. Como contribuição essencial deste trabalho, tive a oportunidade de manter uma parceria colaborativa com a estagiária Fernanda Cunha, aluna do curso de Teatro e com Ana Catharina U. M. de Sousa Bagolan, professora titular da sala de aula. Essas duas mulheres foram extremamente importantes para esta vivência com o *Jogo Ritual*, com elas o *Encontro* tornou-se singular.

Sendo assim, a partir da *metodologia dos encontros* desenvolvida por Haderchpek¹ (2015), encontrei um caminho, uma nova abordagem de ensino que leva o aluno a emancipa-se, a buscar motivos que o transforme, que o leve a considerar a arte um pressuposto relevante em sua vida.

¹ O Prof. Dr. Robson Carlos Haderchpek é docente do Curso de Teatro da UFRN, do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, coordena o Projeto de Pesquisa “A Arte do Encontro e seus Desdobramentos”, é membro do Grupo de Pesquisa CIRANDAR, do NACE e do IMÃ, e diretor do *Arkhétypos Grupo de Teatro*. Foi ele quem desenvolveu a metodologia dos encontros.



O Jogo Ritual

O jogo é uma das maiores e mais divertidas realizações inerentes ao ser humano, segundo Huizinga (2012). Ele oferece em sua essência um sentido e um desejo, sendo ele o maior e, sobretudo, o mais prazeroso ato que podemos realizar mediante a troca com o outro. O jogo é tão sério quanto sagrado. Para Huizinga (2012, p. 16) o “jogo é uma atividade livre, conscientemente tomada como “não séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total”. Este caráter especial, simples e sério que é o ato de jogar, implica necessariamente princípios sagrados que reforçam nossa prática de jogador e podemos assim, vivenciar um verdadeiro ritual quando jogamos juntos.

Nesta concepção, o jogo está dentro da mais perfeita seriedade, e no ato da brincadeira, a criança chega a considerar tudo muito sagrado², real, belo e sublime. Pensando nesta ideia de sublime, de resgatar as imagens oníricas³ espirituais da criança, estimulamos a livre expressão da imaginação ativa/criativa do aluno, levando a criança a reconstruir imagens através de suas escolhas dentro do jogo. Nessas escolhas, o aluno buscou experimentar as relações consigo mesmo e com o outro.

Em relação aos tipos de jogos, tanto o *Dramático*, o *Teatral*, e o *Improvisacional*, existe um em contraponto a esses jogos, que permanece no entremeio deles, o *Jogo Ritual*. Este jogo, no entanto é a comunhão de todos os envolvidos numa única ação. Nela estabelecemos encontros, sacralizamos nossa intenção em relação a ato vivido, sendo, pois, uma experiência partilhada. Para Huizinga (2012, p. 18) “o rito, ou ato ritual, representa um acontecimento cósmico, um evento dentro do processo natural” capaz de transportar a criança a um estado extracotidiano⁴, simbólico e, sobretudo, mágico.

No trabalho com o *jogo ritual*, a instauração do espaço é muito importante, e o preparo deste espaço expande o campo de percepção do aluno durante o jogo. Músicas podem ser usadas para instaurar uma harmonia entre os envolvidos. É um estímulo propício a esta espécie de jogo, porque com ela os alunos reconstróem imagens, representando o universo que os habita. Segundo

2 É importante salientar que a ideia de sagrado não está relacionada à religião, e sim à conexão do indivíduo consigo mesmo e com o cosmos.

³ Segundo Bachelard (1989, p. 18), “a imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão. Verás se tiver “visões”.

⁴ O estado extracotidiano é o estado de representação do ator, ou seja, ele precisa entrar em cena preparado e ativado. Para isso, ele passa por um treinamento pré-expressivo diário, (BARBA, 2012). Nesta concepção, o aluno entra no jogo ritual com esta preparação inicial, quando ele aquece o corpo – quando ele se prepara e encontra dentro de si o pulso energético que o guia durante a ação. Antes desta entrada no jogo, proporcionávamos um breve aquecimento aos alunos, por exemplo: o jogo do dar e receber, o jogo do zip-zap, a dança, etc.

Haderchpek (2015, p. 10), as músicas funcionam como um “elemento agregador de estímulos que permitem que o ator se expresse através de uma comunicação não-verbal, situada entre o teatro, a dança e a música”.

Neste trabalho escolhemos abordar o jogo ritual⁵ como um caminho que ainda está sendo trilhado por alguns atores pesquisadores do grupo Arkhétypos de Teatro⁶ da UFRN. A inserção da proposta do *jogo ritual* na escola me levou a crer que a própria escola é o lugar para se experimentar as relações, os processos subjetivos, intrínsecos, espontâneos e mágicos que nos acompanham. Pôr em prática o trabalho com a imaginação nos leva a perceber a sala de aula como um espaço propício às ações simbólicas da criança, inserindo-as em situações lúdicas que a ajudem a desenvolver ações.

Com a proposta do *jogo ritual* oportunizamos ao aluno reviver mitos⁷ através das relações intersubjetivas, dos encontros. Aproprio-me da poética dos quatro elementos para compor este trabalho, - (água, terra, ar e fogo) conduzindo a imaginação ativa⁸ da criança e ajudando-a em sua composição. Os elementos têm em seus corpos a essência que pode nos conduzir a outros universos, são as energias dos elementos que nortearam todo este trabalho que será partilhado no tópico a seguir.

O Voo da fantasia

A proposta de intervenção deste trabalho partiu, precisamente, da disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores III do curso de Teatro. Ao entrar em contato tanto com a professora da turma, quanto à estagiária do curso, unimos nossas forças e empoderamos ações acerca deste trabalho. Nosso encontro centrou-se na abordagem de uma metodologia de encontros

⁵ O “jogo ritual” é um procedimento de criação essencial na prática artística do Grupo Arkhétypos de Teatro. (Haderchpek, 2016).

⁶ O Grupo Arkhétypos foi formado em 2010 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelo Prof. Dr. Robson Haderchpek e por um grupo de alunos que decidiram se dedicar à pesquisa artística dentro da Universidade. O Grupo trabalha numa perspectiva laboratorial e desenvolve seus espetáculos a partir de um mergulho no universo simbólico de cada ator, sempre associando a prática artística com a busca pelo autoconhecimento.

⁷ Os mitos podem responder as perguntas de nosso consciente/inconsciente, pois a nossa “mitologia tem a ver com a sabedoria da vida” (CAMPBELL, 2014, p.58), tem a ver com nossa integridade enquanto seres atuantes, porque o mito nos coloca em uma posição de confronto conosco mesmos e nos leva a descobrir os mistérios escondidos no mais profundo de nosso inconsciente.

⁸ De acordo com Jung 2000 o “inconsciente coletivo” é constituído essencialmente de arquétipos e nós o acessamos mediante a ativação da nossa imaginação ativa. “O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (JUNG, 2000, p. 17).



diários, e a partir deles, fomentamos concepções sobre a possível realização do Jogo Ritual em sala de aula.

Assim, após alguns planejamentos, a intervenção foi realizada na Escola Municipal Prefeito Mário Eugênio Lira localizada na Avenida Antônio Basílio, Dix Sept Rosado, na cidade de Natal. Optamos por trabalhar com o segundo ano dos anos iniciais do ensino fundamental, no turno matutino, com crianças entre 7 e 8 anos de idade, somando um total de 31 alunos. As intervenções foram no período inicial da aula, das 7:30h às 9:00h da manhã. Distribuímos os encontros em: duas observações (07/04 e 08/04) e quatro intervenções (11/04, 15/04, 18/04 e 25/04) para não descaracterizar os planos de aula da professora titular.

Na terceira visita à escola, (11/04/2016) realizamos nossa primeira intervenção. Começamos pela organização do espaço (pátio) e limpamos tudo o que pudesse interferir no jogo do aluno. Organizamos os elementos da natureza, distribuídos em extremidades, cada um numa ponta, criando um grande círculo.

Comecei falando sobre os elementos da natureza⁹, sobre a força de cada um e como eles nos ajudavam quando jogávamos com o outro. Os alunos escutavam atentos e, apesar de parecer uma conversa meio estranha, eu achei que eles estavam interessados e entendiam o que estávamos falando, até que uma das crianças confirmou meus pensamentos, quando falou que *tinha muito fogo dentro dela*.

Estabelecemos que iríamos criar histórias sozinhos e com os outros, e iríamos deixar a imaginação guiar nossos passos pelo espaço. As crianças concordaram de imediato; em seguida, explicamos o porquê dos objetos¹⁰ e que eles seriam usados em um determinado momento do jogo. A maioria das crianças havia levado um objeto, porém, todos eles eram brinquedos, como barbies, bonecas e carrinhos, que na hora do jogo foram esquecidos, pois as crianças se apropriaram dos elementos levados por mim (pedras, gaita, colar, filtro dos sonhos, barbante), além dos próprios elementos dispostos no espaço, como o fogo, a bacia com água, as folhas e os lenços.

Sáimos de mãos dadas para o espaço e chegando ao pátio, entramos em um jogo onde doávamos e recebíamos energia – “eu dou e eu recebo”. Em um único pulso dançamos o ato de doar e receber ao mesmo tempo. O intuito de começar por esta dança, foi apenas tentar instaurar um

9 Dentro de cada um de nós existe um elemento (terra, fogo, ar e água) que pulsa mais, por exemplo: em mim pulsa mais a água e em Fernanda, o ar. A partir disto, partilharemos energias que nascem da troca que eu estabeleço com o outro na hora do jogo. Chegamos a essa conclusão, experimentando os elementos em laboratório no treinamento do Grupo Arkhétypos.

10 Os objetos mágicos de poder é qualquer objeto que possa ajudar o aluno a interagir com a ação: brinquedo, pedra, pedaços de pau, barbante, instrumento, etc. Tudo poder se tornar um objeto mágico de poder; depende muito da escolha do indivíduo.



equilíbrio entre os alunos, quebrar com a timidez de alguns. Eles participaram ativos, unidos como um só corpo, e em duplas, trocando a energia com o outro. Estabilizado o sacramento da dança, pedi para que parassem e colassem as mãos no coração, a fim de sentirem as fortes batidas que vinham do peito. Repetimos a dança para acelerar as vibrações e quando todos estavam bem eufóricos, falei um “stop” alto e todos pararam como estátuas. Pedi que colocassem a mão novamente no peito e eles ficaram estáticos sentindo o coração pulsar. De imediato, instruí que deitassem no chão, ainda com a mão no peito e ao som de uma música entramos em sintonia com o *jogo ritual*. Passados alguns minutos e no momento que eles sentissem vontade, poderiam se levantar e jogar com os elementos. Um a um eles foram se levantando, procurando criar histórias nas relações uns com os outros. Eu e Fernanda entrávamos e saíamos o tempo inteiro do jogo, provocando estímulos às crianças e tomando cuidado para não interferir no jogo delas, procurando estar mais fora do que dentro.

As crianças começaram a criar relações umas com as outras e com os elementos. Vi que as meninas criaram um voo único usando lenços que representavam asas. Os meninos amarraram outros lenços na cabeça, e instauraram um ambiente onde tocavam alguns objetos que serviram de instrumento. Um deles se apropriou de uma gaita e a tocava conduzindo o restante, parecia o senhor da música. Havia uma menina que entrou na bacia e ficou em pé dançando dentro, parecendo nascer de dentro da água.

Na roda final, quando partilhávamos os encontros, falei sobre a importância de manter as relações no jogo, que tudo que estávamos criando era nosso e que nos pertencia. Algumas crianças ficaram com vergonha de falar, outros instigados, relataram a vivência com os objetos e com os elementos. Eles falaram:

C1¹¹ - Eu manipulava o fogo assim com as mãos.

C2 – Eu vi um senhor xingar o fogo

C3 – De longe podia ver um casal dançando sobre o fogo

C4 – Não vi nada, não consegui imaginar nada. É ruim?

Mariclécia - Não, não é ruim. O mais importante foi que você não desistiu do jogo, permaneceu até o final.

C5 – A gente era borboleta que voava pelo céu. Eu e minhas amigas.

C6 – Eu mergulhei na água e lá no fundo do mar eu falava com um ser.

O restante permaneceu em silêncio, deixando em suspensão as histórias vividas. Encerramos o encontro com uma música¹².

11 C – significa criança. Optei em não usar o nome das crianças a fim de preservar suas identidades.



No dia 15/04/2016 fomos novamente à escola para o nosso segundo encontro. Dei a cada aluno uma pedrinha branca e pedi que deitassem no chão segurando-a. Cada criança deveria apertar a pedra sentindo ao som de uma música, a sua energia. Passados alguns minutos, cada um poderia levantar e jogar com os elementos, lembrando da importância de manter as relações. Percebi que uma criança ainda estava no chão, cheguei perto dela e vi que ela dormia. A acordei impressionada com a concentração que ela estabeleceu com a pedra.

As crianças focaram nos encontros e reconstruíram as histórias da semana passada. Algumas relações voltaram, outras foram reinventadas, outras perdidas. O jogo delas é muito intenso, às vezes elas acham que estão fazendo algo errado e me perguntam se podem mesmo fazer aquilo.

Neste dia eu e Fernanda entramos pouco no jogo para ver se elas criavam relações sozinhas. Segundo a professora Ana Catharina¹³, professora da turma, a nossa presença no jogo contribui significativamente para o jogo do aluno. Eles nos procuravam sempre que podiam, solicitando um apoio, um novo jogo, enfim, queriam atenção.

Devido às condições climáticas, o jogo durou pouco tempo e encerramos o jogo formando um círculo, cantando a mesma música da semana anterior. Como a música já estava memorizada, cantamos e dançamos juntos. Formamos assim, uma roda de conversas. As crianças estavam mais abertas ao diálogo e compartilharam as histórias. Percebemos como elas resgataram as mesmas relações com os objetos e os elementos. Vejamos:

C6: Eu vi que eu fui pra um fogo. Fui pra terra, depois fui pra água e tive um compartilhamento com todos eles.

Fernanda¹⁴: E como foi? Você controlava eles ou não?

C6: Controlava. Foi primeiro o fogo, depois a terra, depois o ar, depois a água.

Mariclécia - (C12) Ela era uma borboleta, mas ela disse que viu um casal de um homem e uma mulher que dançavam sobre o fogo e ela viu as mesmas imagens na água, só que dentro. E enquanto isso, ela voava pelo ar.

Mariclécia: Sabia que é o elemento que dá força para a gente? O universo se transforma e você começa a sentir o espaço. Você sai dessa vida cotidiana que é a sala de aula e vai para outro lugar.

Mariclécia- (C7) Ela acabou de me dizer que em momento nenhum se sentiu na escola, que assim que pegou a pedrinha ela já estava em outro lugar. Ela estava no pólo sul!!

C14: O barulho que faz a chuva parece o barulho do fogo... (silêncio)

C1: Eu comecei na água, aí eu vi o fogo bem grande. Aí eu fui pro fogo e fiquei lá no fogo. Eu controlava ele. Aí eu peguei a pedra e voei pela natureza. Aí a mulher tava lá e mandou eu ir

12 Vento que venta, não venta. Mar que urra, não urra. Atras de mim não vem gente, oh meu Deus! Quem é que tanto me empurra?

13 Ana Catharina Urbano Martins de Sousa Bagolan é graduada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil e Mestranda em Educação, todos pela UFRN.

14 Fernanda Cunha - Aluna do curso de Teatro da UFRN e companheira do Estágio Supervisionado de Professores III.



embora. Aí eu não fui não. Aí depois eu fui lá pro fundo e vi uma baleia bem grandona e eu entrei na barriga dela. Aí eu entrei dentro da barriga da baleia.

Quando as crianças terminaram de falar, percebemos que, em relação à semana anterior, a maioria se posicionou, deixando de lado a timidez. Elas conseguiram, de alguma forma, expressar o jogo vivenciado. Encerramos nosso encontro com a música cantada no primeiro encontro, seguido de um grande abraço coletivo.

Nosso terceiro encontro ocorreu no dia 18/04/16 e Fernanda propôs começar com um jogo de concentração: o jogo do “zip, zap¹⁵”. Foi a partir deste jogo que as crianças começaram a se concentrar para o *jogo ritual*. Pedi que cada uma escolhesse um elemento para começar o trabalho e eles começaram a se distribuir entre os elementos. Uma música foi colocada a fim de levar as crianças a resgatar as imagens oníricas que cada uma tinha acessado durante o jogo da semana anterior. É essencial dizer que a maioria das crianças escolheu o elemento “AR”, principalmente por conta dos lenços, pois, os lenços representam simbolicamente este elemento e elas sentem a necessidade de utilizá-los como vestimentas, ressignificando-os. É perceptível a relação delas com o AR, sobretudo pelas músicas, pela dança, pelo canto entoado e dito forte, pela coreografia, pelo voar pela sala, saltando, cantando. Elas simplesmente recebem o AR como um suspiro de liberdade. Pois, como elas mesmas dizem: “aqui eu posso voar/imaginar”.

Fernanda Cunha conduziu as crianças a descobrirem coisas além daquelas que elas podiam construir com os lenços. Ela chamou as crianças com um cântico entoado com tanta força que roubou a atenção de todos. As crianças do AR começaram a segui-la em seu cântico, e ela formou um encontro entre gigantes, guerreiro, fadas e monstros. Eu e a professora, além dos alunos que estavam vivenciando suas experiências com os outros elementos, entramos no jogo e formamos um só grupo, tivemos um encontro.

Entre em estado de jogo e busquei relações com algumas crianças. Tornei-me junto a mais dois meninos, uma guerreira da terra e vivenciamos uma história de conquistas e morte.

C17: Eu, Mariclécia e Pedro éramos guerreiros. Eu era fogo, ela a terra e ele, água. E teve outro do ar que veio depois que nos ajudou a matar o guerreiro da água, mas ele renasceu e nos perseguiu, e nos destruiu, foi muito legal.

15 Neste jogo todos ficam em um grande círculo e uma pessoa passa um zip (uma espécie de passe com as mãos juntas) a qualquer pessoa do círculo. O zip permanece instaurando o jogo até os jogadores entenderem o processo do jogo. Após algum tempo, acrescenta-se o zap (batida com as mãos, deslizando) e os dois comandos ficam no jogo até determinando momento. O condutor do jogo pode aumentar os comandos mediante a faixa etária das crianças. Para este nível, achamos essencial permanecer apenas com dois comandos, ou seja, com o zip e o zap.



Em outros encontros víamos a professora Ana voando pelo espaço com as borboletas do fogo e da água:

C8: Eu sou da terra profunda azul. Nasço borboleta e voo alto. Danço também... Eu me sinto muito feliz.

C12: Sempre sou borboleta: mas éramos de fogo e água, eu e minhas amigas.

C20: Sou a fada rosa da água. Eu entro dentro da água e danço, fiz isso no primeiro dia.

Fernanda em estado de jogo construiu muralhas com os seus guerreiros, e dançou para o senhor da música.

Um dos guerreiros em jogo com Fernanda: **C1:** Eu fui no fogo, e no mar. Depois eu e a senhora (Fernanda) tava nadando, e você estava no fundo. Depois a senhora foi mais e mais, aí você foi lá no fundo, a baleia te pegou e trouxe de volta. Aí o fogo era bem baixinho, aí eu não tinha a pedra, né? Aí a pedra fazia o fogo ascender tudo.

Os alunos se abrem mais para o jogo a cada novo encontro. É perceptível o quanto as meninas se engajam mais pelo viés da música e os meninos pelos objetos. Além disso, temos os elementos que proporcionam ao jogo entusiasmos, retirando-os do estado cotidiano e levando-os a um estado extracotidiano. Os encontros, simplesmente acontecem.

Realizamos nossa última intervenção com as crianças no dia 25/04/2016. Elas estavam animadas e dispostas a jogarem. Então conversamos antes sobre o que elas estavam achando do jogo, se elas sabiam que estávamos fazendo teatro. Algumas crianças disseram que não sabiam que aquilo podia ser teatro, que não imaginavam que o teatro pudesse ser daquele jeito e que achavam que o teatro era um lugar para ver coisas. De fato elas acertaram: “teatro é o lugar de onde se vê”. Mas neste tipo de teatro¹⁶ em especial, todos podem se ver, todos são atores e espectadores ao mesmo tempo. E eles mesmos chegaram a esta conclusão:

C1: Aqui eu vejo todo mundo, todo mundo é coisas.

C4: Então eu faço teatro todo dia, porque todo dia eu invento coisa. Eu gosto de inventar.

A relação do sujeito com o universo teatral, muitas vezes exterminada pela própria sociedade em que estamos inseridos, tanto na escola quanto fora dela, perde a noção de arte como experiência. E ao perdermos esta capacidade de experimentar coisas, perdemos também, a vontade de ler o mundo, de nos tornarmos participantes ativos do objeto artístico vivo. Ocorre com isso,

16 O Teatro Ritual, especificamente, não separa atores e espectadores. Nele os encontros privilegiam a comunhão entre todos dentro de um determinado espaço. Grotowski (2010) afirma ser o ritual no teatro uma espécie de jogo. O espectador, ou melhor, o **co-ator** da ação, constrói junto ao ator sua **co-participação**.



segundo Desgranges (2011), um empobrecimento da linguagem teatral, uma perda significativa da dimensão imagética, assim como, perdas do funcionamento epistêmico, ético e estético.

Segundo o autor, uma das principais maneiras para se compreender algo é experimentando. Desgranges (2011) assevera ser a experiência a melhor maneira para alcançar o sabor dos sentidos, o sabor de se perder em regiões desconhecidas, porque estamos sujeitos a sempre buscar uma experiência poética.

Quando iniciamos o trabalho neste dia, pensamos em começar pelo que elas mais gostam: *cantar*. Colocamos os elementos juntos no meio do círculo e em volta deles, todos nós juntos cantamos e dançamos a música¹⁷ dos quatro elementos.

Ficamos nisso algum tempo até instaurar o ritual. Elas mesmas iniciaram o jogo e foram resgatar as antigas relações. Todas estavam dentro do jogo, criando novas formas de se relacionar. Foi lindo ver como elas mesmas são autônomas, sabendo dos limites do próprio corpo, tentando encontrar na sala um espaço que as transporte até um determinando universo. Pedem para voltar a música várias vezes e se distribuem pela sala. A mesma música as leva a um espaço-tempo *limiar* onde essas personae (pessoas) segundo Turner (2013, p. 98) escapam de uma realidade cotidiana e tornam-se “entidades liminares”, seres que se situam no meio, “entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial”.

Neste jogo uma variedade de símbolos surge, deixando o registro nos encontros, são momentos fortes que instauram um contato e fazem o espectador imaginar ser um encontro entre almas perdidas:

C10: Estava sozinha no meu castelo e vi ele vindo. Ele começou a lutar comigo e nossa luta não era guerra, era, era, de mentira, sabe? Estávamos só brincando. E eu não fiquei mais só.

C20: Ela que me chamou, com os olhos. E eu fui. Eu morava só numa caverna, eu era um guerreiro e eu vi ela longe, bem longe e quando cheguei perto a gente criou uma luta. Não era para brigar, era só para jogar. Foi bom.

A criança (**C10**) nunca jogou com alguém, ela sempre estava muito só, amarrava um lenço na cintura e apenas dançava. Uma dança solitária; parecia que ninguém na sala pudesse ser digno de uma troca com ela. Neste último dia, ela recebeu um presente. Veio um menino (**C22**) que até então nunca havia vindo aos jogos e ele se permitiu vivenciar um encontro singular com ela. Vê-los, um ao lado do outro, parecia um Romeu e uma Julieta se amando, ou então, deuses lutando pelo mesmo território, ou então, a lua e o mar se encontrando em uma noite de amor. Vi muitas imagens com

¹⁷ Terra meu corpo, água meu sangue, ar meu sopro e fogo meu espírito.



eles; houve um momento em que eu senti que ser espectadora é o complemento do ator, juntos eles constroem a mesma história.

Segundo a perspectiva de Rancière (2010) todos nós atuamos e aprendemos ao mesmo tempo. Como espectadores, dialogamos com o que já vivemos, como se cada uma de nós armazenasse um repertório de imagens que se configuram a cada novo encontro. Assim, “precisamos reconhecer que cada espectador já é um ator em sua própria história e que cada ator é, por sua vez, espectador do mesmo tipo de história” (p. 118). Eu senti ao ver as crianças que aquela história, também, tinha sido feita por mim. Somos, devido a isso, mestres em criação.

Após o jogo e unidos, demo-nos as mãos e encerramos nosso encontro com a música inicial, cantada mais forte, coreografada e animada. Aos poucos fomos diminuindo a intensidade das vozes, dos corpos, concretizando nosso encontro. Ainda de mãos dadas, jogamos para o ar a alegria de vivenciar tantas histórias. Assim, fomos à roda de conversa. E uma criança falou:

C20: O teatro é muito legal. Eu posso ser coisas e eu queria ser esse personagem, eu queria ser mais ele que eu, porque ser a fada rosa da água é muito legal, ela voa pelas montanhas.

C12: Voar pelo céu azul, pela água, por todo lugar, é bom.

Fernanda: O que você aprendeu com o teatro?

C23 – Não sei, mas ele me ensinou muito...

Pensando nestas crianças e em como é relevante proporcionar experiências teatrais a elas, acredito que o trabalho de professor/ator contribui muito para uma significação maior e muitas vezes inconsciente, sem explicação, porque não precisamos de respostas para o que sentimos. Nosso papel é abrir caminhos que faça as crianças repensarem sobre o novo, levá-las a participar e a valorizar mais as relações, entendo que atuar é, sobretudo, fazer.

Conclusão

A grandeza epistêmica do Teatro nos leva a crer que precisamos propor uma pedagogia pautada na subjetividade, na liberdade do aluno, onde *Ele* deva ser tratado como sujeito e não como objeto. Precisamos construir com o aluno um conhecimento que nasça de suas próprias matrizes, partindo de princípios básicos que permeiam a ação docente, como: ludicidade, intersubjetividade e intersemiotividade.

O *jogo ritual* na escola obteve, apesar do pouco tempo de experimentação, importantes revelações para as pessoas que realizaram a experiência. Descobrimos algumas características fundamentais ao praticar este jogo, sendo, pois a primeira delas, ativar o corpo do aluno, para que ele entre no jogo preparado para a ação. A segunda característica é que o mediador do jogo pode



entrar e sair a qualquer momento, dando estímulos aos alunos; a terceira, as histórias são recorrentes, ou seja, elas se repetem a cada novo encontro com o outro e sendo assim, os mitos são revelados, e por último, a roda de conversa que nos leva a comungar das reflexões juntos.

Percebi o quanto o teatro na escola permite aberturas às novas abordagens de ensino sobre esta arte, pois em apenas quatro aulas nós pudemos notar uma diferença nas crianças, a diferença entre quem elas eram no início e quem elas são depois do trabalho. A criança que era desobediente e desconcentrada é hoje tolerante e centrada nas atividades e nas brincadeiras; a que tinha medo de jogar porque achava que não podia, diz que o teatro a ensinou muito, algo que ela não sabe explicar, mas penso que não precisamos sempre de explicação. Foram muitas respostas sem explicações, algumas dadas só com um olhar ou um gesto.

C4: A gente faz teatro sempre. Aqui e no placo. O povo me vê e eu vejo. O teatro é coisas. Eu sou coisas.

A metodologia dos encontros contribuiu, significativamente, para o trabalho em sala de aula com o Jogo Ritual. As crianças se permitiram, gostaram da vivência e participaram ativas, centradas. Somos movidos pelo Teatro e é o outro quem acende as luzes do nosso palco. E não existem regras, ou métodos, mas, um desejo em intervir na educação e mudá-la, rasgando e atravessando sua pedagogia, abrindo caminhos que superem as expectativas dos alunos, fazendo-os cidadãos capazes de utilizar a subjetividade em suas mais diversas escolhas de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu Duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo, Martins Fontes, 2013.

BROOK, Peter. **O Teatro e seu Espaço**. Tradução de Oscar Araripe e Tessa Calado. 1ª ed. Vozes limitada, 1968.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2014.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocações e dialogismo**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2011.

_____. **A Pedagogia do Espectador**. São Paulo: HUCITEC, 2003.

GROTOWSKI, Jerzy; POLASTRELLI, Carla; FLASZEN, Ludwik. **O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969**. São Paulo: Fondazione Pontedera Teatro, Editora Perspectiva, 2010.

HADERCHPEK, Robson Carlos. **O Ator, O Corpo Quântico e o Inconsciente Coletivo**. João Pessoa, V. 6 N. 1 jan-jun/2015. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.



_____. **A Dramaturgia dos Encontros e o Jogo Ritual:** Revoada e A Conferência dos Pássaros. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens.** Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2012.

JACQUES, Rancièrre. **O Mestre Ignorante:** cinco lições sobre emancipação intelectual. Tradução de Lilian Valle. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SLADE, Peter. **O Jogo Dramático Infantil.** Tradução de Tatiana Belinky. Direção de edição de Fanny Abramovich. São Paulo: Sammus, 1978.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula:** um manual para o professor. Tradução de Ingrid DormienKoudela. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RYNGAERT. Jean-Pierre. **O Jogo Dramático no Meio Escolar.** Teatro Transformação. Coimbra: Centelha, 1981.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual:** estrutura e anti-estrutura. Tradução Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 2013.